

O Elefante

O director do Jardim Zoológico mostrou ser um arrivista. Encarava os animais como simples trampolins para fazer carreira. Era-lhe indiferente a importância educacional do estabelecimento. No seu Jardim Zoológico a girafa tinha um pescoço curto, o texugo não tinha toca e as aves, perdido o interesse por tudo, raramente e com relutância deixavam ouvir o seu pio. Estas coisas não deviam ter sido permitidas, especialmente porque o Jardim era visitado muitas vezes por grupos de crianças da escola.

O Jardim Zoológico ficava numa cidade de província, e faltava-lhe alguns animais de maior importância, entre os quais o elefante. Três milhares de coelhos só parcamente substituíam o nobre gigante. Contudo, à medida que o nosso país se desenvolvia, as falhas iam sendo rectificadas por bem planeadas maneiras. Por ocasião do aniversário da libertação, a 22 de Julho, o Jardim foi notificado de que finalmente lhe tinha sido doado um elefante. Todo o pessoal, que era dedicado ao trabalho, rejubilou ao saber esta notícia. A sua surpresa foi tanto maior ao saberem que o director enviara uma carta para Varsóvia, renunciando à doação e propondo um plano para conseguir um elefante por meios mais económicos.

"Eu e todo o pessoal", escrevera, "estamos profundamente cientes quão pesada é a carga que recai sobre os ombros dos mineiros polacos e trabalhadores metalúrgicos por causa do elefante. Almejando reduzir as nossas despesas, sugiro que o elefante mencionado na vossa comunicação seja substituído por um da nossa incumbência. Podemos fazer um elefante de borracha, de tamanho natural, enchê-lo de ar e metê-lo na cerca. Será cuidadosamente pintado com a cor correcta e, mesmo depois de submetido a minuciosa inspecção, não se distinguirá do animal verdadeiro. Como é do conhecimento de todos, o elefante é um animal pachorrento, que não corre nem dá saltos. Na placa da cerca podemos inscrever que este mesmo elefante é excepcionalmente pachorrento. O dinheiro que assim se poupar poderá ser investido na compra de um avião a jacto ou na conservação de algum monumento nacional.

"Queiram ter a bondade de notar que tanto a ideia como a execução são o meu modesto contributo para a nossa luta e causa comum.

"Sou de vós, etc."

Esta comunicação deve ter subido a um funcionário de coração empedernido, que encarava os seus deveres do modo puramente burocrático, sem atentar no fundo da questão, guiando-se apenas pela directiva de reduzir as despesas e que concordou, portanto, com o plano do director.

Mal soube da aprovação ministerial, o director deu instruções para a feitura do elefante de borracha. A armação devia ser enchida de ar por dois guardas do Jardim, cada um assoprando de seu lado. Para manter a operação secreta, o trabalho devia ser executado de noite, dado que o povo da cidade, tendo ouvido dizer que um elefante estava para chegar ao Jardim, andava ansioso por vê-lo. O director insistiu em que se apressassem, até porque esperava receber um bônus, caso a sua ideia resultasse num êxito.

Os dois guardas encerraram-se num barracão que servia normalmente de oficina e começaram a soprar. Passadas duas horas de violento soprar, descobriram que a câmara de ar só se tinha erguido alguns centímetros do chão e o volume em nada se parecia com o de um elefante. A noite avançou. Lá fora as vozes iam-se aquietando e só o zurrar do burro quebrava o silêncio. Exaustos, os guardas pararam de soprar, assegurando-se que o ar, já dentro do elefante, não escaparia. Não eram novos, e este género de trabalhos saía fora dos seus hábitos.

"A continuarmos com este ritmo", disse um deles "não acabamos antes do amanhecer. E o que é que vou dizer à minha patroa? Não me acreditará, se lhe for dizer que passei a noite a encher um elefante".

"Pois é", concordou o segundo guarda. "Isto de encher um elefante não é obra de todos os dias. E tudo porque o director é esquerdista".

Recomeçaram a soprar, mas passada meia hora sentiram que estavam demasiado cansados para prosseguir. O volume no chão era maior, mas ainda nada que se assemelhasse a um elefante.

"É cada vez mais custoso", disse o primeiro guarda.

"É um trabalho de arromba, lá isso é", disse o segundo. "Vamos a um descanso".

Enquanto descansavam, um deles reparou num tubo de gás que terminava numa torneira. Não seria possível encher o elefante com gás?

Sugeriu isso ao companheiro.

Decidiram experimentar. Ligaram o elefante ao tubo de gás, abriram a torneira e, para grande alegria de ambos, em poucos minutos havia um animal de corpo inteiro, de pé no barracão. Parecia verdadeiro: um corpo enorme, pernas que nem colunas, orelhas larguíssimas e a inevitável tromba. Levado pela ambição, o director tomava todas as providências para ficar com um elefante muito grande, no seu Jardim.

"É de primeira categoria", disse o guarda que tivera a ideia de usar o gás.

"Agora podemos ir para casa".

De manhã, o elefante foi levado para um terreno especialmente situado numa posição central, próximo da jaula do macaco. Colocado junto a um rochedo grande e verdadeiro, parecia feroz e magnífico. Uma grande tabuleta elucidava "Particularmente indolente. Mal se move".

Entre os primeiros visitantes dessa manhã estava um grupo de crianças da escola local. O professor projectava dar-

lhe uma lição ao vivo acerca do elefante. Fez alto ao grupo, quando chegaram defronte do animal, e começou: "O elefante é um herbívoro mamífero. Por meio da tromba, arranca arbustos e alimenta-se de folhas".

As crianças olhavam para o elefante com inelutável admiração. Esperavam que ele arrancasse uma árvore pequena, mas o animal não tugia nem bulia, atrás da cerca.

"... O elefante é um descendente directo do ora extinto mamute. Não é portanto de surpreender que seja o maior animal existente sobre a terra".

Os alunos mais conscienciosos tiravam notas.

"... Apenas a baleia pesa mais que o elefante, mas a baleia vive no mar. Podemos afirmar sem receio que, sobre a terra, o elefante é o rei supremo".

Uma leve brisa agitou os ramos das árvores do Jardim Zoológico.

"... O peso de um elefante adulto cifra-se entre nove e treze mil libras".

Nesse preciso instante, o elefante estremeceu, elevando-se no ar. Por alguns segundos pendeu sobre o solo, mas um golpe de vento impulsionou-o para cima, até que a sua imponente silhueta se destacou no céu. Durante uns momentos, as pessoas ainda puderam avistar os quatro círculos das patas, a volumosa barriga e a tromba, mas em breve, impelido pelo vento, o elefante vogou sobre a vedação e desapareceu atrás da copa das árvores. Macacos atónitos olhavam para o céu.

O elefante foi encontrado no jardim botânico vizinho. Tinha aterrado num cacto e o invólucro de borracha rebentara.

As crianças da escola, que testemunharam a cena no Jardim, cedo começavam a negligenciar os estudos e tornaram-se vagabundas. Conta-se que se embebedavam e partiam vidros. E nunca mais acreditaram em elefantes.